

O LIVRO INFANTIL NO AMBIENTE DIGITAL E A MOBILIZAÇÃO DE OUTROS RECURSOS SEMIÓTICOS NA PRODUÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO*

Mariana Jeronimo Borges da Luz¹ (IFMG-campus Ouro Branco)
Denise Giarola Maia² (IFMG-campus Ouro Branco)

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar o andamento de um projeto de pesquisa sobre os livros digitais e aplicativos de Literatura Infantil. Tal projeto foi motivado pelo fascínio que os dispositivos móveis como *smartphones*, *tablets* e *laptops* despertam nas crianças e pelo surgimento de um mercado (editorial), para elas, nesse mundo digital. A pesquisa iniciou-se em junho deste ano, e, até o presente momento, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o livro infantil digital. Far-se-á, então, neste artigo, uma breve discussão sobre esse objeto de pesquisa e seu estado da arte, a partir das leituras feitas de Lajolo e Zilberman (2017), que traçam um panorama da “nova literatura”, isto é, da Literatura na contemporaneidade; também de Machado e Remenche (2017), que mostram como os avanços tecnológicos têm afetado os modos de produção e de leitura do livro de Literatura Infantil; de Matsuda e Conte (2018), que realizam uma análise de livros-aplicativos, mostrando suas características e seu potencial para a educação literária; bem como de Moraes (2015), que, fundamentada na abordagem da Multimodalidade da Semiótica Social, elucida a literatura como uma arte que, embora tradicionalmente definida como “arte das palavras”, está aberta para outros meios de produção de sentido que vão além do verbal, e isso já desde os seus primórdios. Verificou-se, assim, que tais estudos darão embasamento para análise que se fará, em outra etapa da metodologia, do *design* de livros aplicativos ou livros digitais, os quais trazem uma narrativa com escrita, tipografia, música, imagem, animação e outros efeitos interativos.

Palavras-chave: Literatura infantil; Tecnologia; Suporte; Livro digital infantil.

1 Introdução: um projeto de pesquisa sobre livros digitais de literatura infantil

Se buscarmos a definição de “livro” no dicionário, encontraremos algo como o seguinte: “coleção de folhas escritas, coberta com capa, com páginas ordenadas, que são coladas ou costuradas”, ou então: “obra de cunho literário, científico, técnico, etc.” (HOUAISS, 2009, p. 467). Contudo, na contemporaneidade, essa noção de livro como textos (escritos) pertencentes a diferentes gêneros impressos sobre as páginas é antiquada, sobretudo, se pensamos no livro infantil.

No mercado editorial, encontram-se inúmeros formatos de livros, tais como, o livro-álbum, o livro *pop-up*, o livro-túnel, o carrossel, o livro *pull-the-tab*, livro-brinquedo, etc. que nos chama a atenção para a sua materialidade. Assim, neste contexto, o livro passa a ser compreendido como uma tecnologia que está em constante transformação e aprimoramento Machado e Remenche (2017) e como um objeto que inclui múltiplos modos e que promove um tipo de leitura que, além de uma atividade cognitiva, é também uma interação física e sensorial com esse objeto impresso.

* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online

¹ Graduanda do quinto período do curso de Licenciatura em Pedagogia e bolsista Pibic do projeto de pesquisa “Análise multimodal do *design* de livros digitais e aplicativos de Literatura Infantil”.

² Coordenadora do projeto de pesquisa “Análise multimodal do *design* de livros digitais e aplicativos de Literatura Infantil”, professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, graduada em Letras (UFV), mestra em Letras – Teoria Literária e Crítica da Cultura (UFSJ) e doutora em Estudos Linguísticos (UFMG).

Desse modo, considerando as novas tecnologias e a *Internet*, outro fenômeno relacionado a esse objeto são os chamados livros aplicativos ou livros digitais (*e-book*). Esses livros se diferenciam dos demais não apenas pelo suporte e formato, como também pelas interações estabelecidas, pelas práticas de leitura suscitadas e pelas potencialidades das semioses empregadas no percurso de produção de sentido, tanto por aqueles que o criaram quanto por aqueles que o leem.

Desse modo, essa pesquisa tem um especial interesse por esse objeto “livro digital”, dada a sua interatividade e multiplicidade semiótica. Acredita-se que esse estudo e análise de livros digitais possam contribuir para uma maior compreensão desse fenômeno, visto que, especialmente, os autores estudados, nessa primeira etapa do percurso metodológico, deixam algumas perguntas em aberto. Além disso, buscam colaborar com os Estudos do Texto e do Discurso, de modo especial com aqueles fundamentados na Abordagem da Multimodalidade e da Semiótica Social, e também com a Crítica e Teoria Literária Infantil. Considera-se, igualmente, a importância do tema em pauta nas discussões entre educadores e psicólogos, no que diz respeito ao uso de celulares e *tablets* pelas crianças, a qualidade do conteúdo produzido para elas e a necessidade de se promover uma cidadania digital.

O presente artigo, portanto, tem como objetivo apresentar o andamento do projeto de pesquisa *Análise multimodal do design de livros digitais e aplicativos de Literatura Infantil*, iniciado em junho deste ano. Nessa pesquisa, serão analisados alguns livros digitais infantis, no que diz respeito aos aspectos estruturais e do *design*, tomando como referência a Abordagem da Multimodalidade. Para isso, será seguido o seguinte percurso metodológico:

1. *Revisão bibliográfica: leitura e fichamento/resumo de textos sobre: (a) Literatura Infantil e os livros digitais infantis; (b) Semiótica Social e Multimodalidade. Discussão desses textos.* A adoção da abordagem teórico-metodológica da Semiótica Social e da Multimodalidade permitirá uma pesquisa qualitativa, conduzida por um paradigma interpretativo crítico, podendo recorrer a dados quantitativos quando estes se fizerem necessários para a compreensão do fenômeno estudado. Além disso, caracteriza-se por ser uma pesquisa documental, cujo principal material empírico será o arranjo dos modos e recursos semióticos em livros digitais de Literatura Infantil para sistemas *iOS* ou *Android*.
2. *Coleta e seleção dos livros digitais infantis para compor o corpus de pesquisa.* A partir da revisão bibliográfica, será possível mapear os livros digitais infantis que já foram objetos de estudo e análise. Isso nos permitirá fazer a seleção do *corpus*. A princípio, considerou-se estudar a coleção de livros digitais do *Kidsbook Itaú criança*. O site é como uma biblioteca virtual e oferece livros digitais brasileiros para o público infantil. A variedade de livros e de recursos parecer agradar distintos gostos. Os livros pretendem ser interativos, e o acesso é totalmente gratuito.
3. *Contextualização dos livros digitais e transcrição dos modos e recursos que compõem sua estrutura.*
4. *Análise sociosemiótica e multimodal, a partir dos recursos dos modos utilizados no design dos livros digitais infantis.* Buscar-se-á responder: que modos e recursos foram empregados pelos produtores? Que função eles têm na mensagem? Como os recursos de imagem e de som, por exemplo, interagem com a escrita? Eles reforçam a ideia representada pela escrita ou apresentam novas ideias? Se eles apresentam, isso se deve a sua constituição (*affordance*)? Quais são seus efeitos de sentido? De que forma recursos de som e movimento (próprios desse formato digital) contribuem para a narrativa e experiência literária da criança?

Até o presente momento, foi realizada a etapa 1 (a) do percurso metodológico, ou seja, uma revisão bibliográfica sobre o livro infantil digital, a qual será apresentada a seguir.

2 A literatura infantil e os livros digitais interativos

A modernização dos recursos tecnológicos tem nos proporcionado um acesso a informações, que, até então, eram escassas. Tomamos, por exemplo, as plataformas de transmissão que têm expandido o acesso a informações, e, de certa forma, multiplicado significativamente seu número. O modo como interagimos com essas tecnologias, atualmente, tem nos disponibilizado, em informação, o equivalente a 174 jornais diários. Isso é o que revela um estudo feito por Hilbert e López (2011), da *University of Southern Califórnia*, no período de 1996 a 2007. A partir de levantamento de dados, a pesquisa publicada na revista eletrônica *Science Express* verificou que, neste período, enviamos em informação, através dessas tecnologias, o equivalente a 1,9 *zettabytes*. Segundo os cálculos da pesquisa, isso seria o mesmo que cada um de nós receber o equivalente a 174 jornais diariamente.

Este contexto ancora o livro digital e, concomitantemente, o difunde em meio às novas tecnologias. Segundo essa pesquisa feita por Hilbert e López (2011), desde os anos 2000, as plataformas digitais são responsáveis por armazenar 94% de nossas memórias tecnológicas. O livro, tecnologia primordial de nossa sociedade, enxergou na plataforma digital terreno fértil e tem se apropriado cada vez mais do espaço. Mas, afinal, o que é o livro digital?

O livro digital é, se não, a compreensão do livro a partir da plataforma digital. Diferente da digitalização do livro, essa literatura tem ambições muito mais amplas do que a simples transposição do palpável para o digital. Isto porque, sua natureza por si, tem muito recursos a oferecer. Vejamos, abaixo, o que alguns autores dizem a respeito do livro digital, mas, especificamente, aquele de Literatura Infantil.

Hoje, vivemos um momento histórico em que convivem as mais diversas manifestações literárias destinadas ao público infantil e juvenil, em variados tipos de suportes e propostas. Entre estas, as disponibilizadas em ou desenvolvidas para o meio digital, onde temos desde livros transpostos para esse ambiente – que são como versões dos livros impressos, nos formatos PDF ou ePub, por exemplo – às mais variadas formas de livros feitos para o digital: versões interativas feitas em ePub, e-books para serem lidos em leitores digitais, como Kindle e Kobo, livros aplicativos que permitem a utilização de várias mídias e diferentes interações, até livros de realidade aumentada, que possibilitam a sobreposição de imagens criadas digitalmente em um cenário real, captado por meio de câmera ou óculos especiais; o que permite, por exemplo, ver os personagens da história na própria sala da nossa casa. (MATSUDA; CONTE, 2018, p. 84-85)

Nesta citação, as autoras apontam alguns dispositivos utilizados para leitura desses livros e destacam a existência de, pelo menos, dois tipos de livros digitais, ou seja, aqueles que circulam nesse ambiente, mas, a princípio, foram planejados para a materialidade do papel, logo sua configuração e leitura são semelhantes ao do livro físico; e aqueles que são, de fato, criados para esse ambiente e que podem, por exemplo, proporcionar ao leitor uma experiência de leitura em que ele pode escolher os rumos da narrativa e/ou participar da estória, por meio de atividades, como é o caso, por exemplo, do livro *Pequenos e grandes contos de verdade*, analisado pelas referidas autoras. Matsuda e Conte (2018) descrevem, no entanto, que esse livro não possui muita interatividade. Segundo elas, a editora justifica que, ao criar o livro, buscou não exagerar em interatividades desnecessárias, já que a estória era o mais importante. Assim, essa é uma questão que nos interessa e será considerada na análise que pretendemos realizar, ou seja, até que ponto esses recursos interativos contribuem para a literariedade do texto? Nossa

experiência, ainda incipiente de leitura de livros digitais infantis, é que o recurso de música (por exemplo, uma trilha sonora que algumas narrativas trazem), muitas vezes, é desligado, por perturbar a leitura em voz alta com a criança. Será que esse recurso foi mal empregado? Ou somos nós que ainda não estamos acostumados com esse tipo de interatividade no livro?

Enfim, essa distinção do livro, de fato, criado para o meio digital, também é feita por outros autores, por exemplo, Machado e Remenche (2017).

O livro literário infantil em meio digital caracteriza-se, portanto, pelo hibridismo e pelo uso de recursos multimodais/multissemióticos, pois expande as narrativas verbo-visuais peculiares ao livro ilustrado impresso por meio da incorporação das dimensões auditivas, táteis e performativas, ou seja, aos textos são incorporados sons, imagens em movimento e interatividade por meio do tato. [...] Embora seja crescente o número de textos criados exclusivamente para o meio digital, em que os e-books apresentam qualidade gráfica, percebe-se que grande parcela deles, em virtude da incipiência em suas produções e adoções, têm se aproximado mais de livros meramente transpostos (o texto se apresenta nos dispositivos de modo similar ao que seria em versão impressa verbo-visual, por meio de digitalização) que de uma narrativa verdadeiramente interativa. (MACHADO; REMENCHE, 2017, p. 117)

Essa observação é importante, pois se pretende, nessa pesquisa, analisar livros digitais infantis em versão interativa, ou seja, que foram criados para esse ambiente, e, por isso, exploram recursos de som, movimento e interatividade. Serão rejeitados todos os livros digitais infantis que se configuram apenas como PDF de livros físicos. Abrimos um parêntese, aqui, para fazermos uma observação em relação ao atual contexto, devido à situação da COVID-19 (Coronavírus) e as medidas preventivas adotadas pelos órgãos de saúde e das administrações federal, estaduais e municipais. Durante esse período de isolamento social, em que bibliotecas estão fechadas, muitas editoras e sites têm disponibilizado, de forma gratuita, obras de Literatura Infantil, para que os pais possam aproveitar esse momento para a prática da leitura com as crianças. O que seria muito interessante sob essa perspectiva da leitura em meio digital. Contudo, percebe-se que a grande maioria dessas obras são livros físicos transpostos para PDF ou para outro formato digital (ePUB), mas cuja narrativa não explora esses recursos de som, movimento e interatividade. Isso, talvez, acabe corroborando para um reducionismo da compreensão do que seja um livro digital. Como tratam os pesquisadores do livro digital infantil, esse possui características muito peculiares.

[...] é um novo formato de expressão literária voltado ao público infantil que expande as narrativas verbo-visuais características do livro ilustrado impresso ao incorporar sons, movimentos e interatividade. Desde 2010, com o surgimento do iPad, esses livros aparecem principalmente como aplicativos para dispositivos móveis, por exemplo tablets e celulares (por isso são chamados livros-aplicativos ou book/Picture book apps), tendo suplantado o livro interativo em formato de CD-ROM, cujos acessos e popularidade eram limitados. [...] o formato, peso e portabilidade desses dispositivos móveis permite que as narrativas digitais dos livros-aplicativos se aproximem significativamente da experiência de leitura do livro impresso, enquanto a tecnologia *touch-screen* permite uma participação direta do leitor na narrativa, sem o intermédio do mouse. (ALYAQOUT, 2011, apud MATSUDA; CONTE, 2018, p. 85-87)

Esta outra citação ressalta o uso de recursos semióticos, para além do verbal e do visual, como, por exemplo, os recursos de som e movimento, que podem ampliar os significados das narrativas e também proporcionar uma maior participação do leitor. Coscarelli (2016 *apud* MACHADO, REMENCHE, 2017, p. 163) discorre que o leitor, no meio digital, atua como

“navegador”, ou seja, realiza alguns procedimentos (clicar, usar barras de rolagem, usar menus, passar os olhos pela página na tela, entre outros) que não ocorrem na leitura em ambientes tradicionais.

[...] apesar de sempre haver, em alguma medida, resistência ao novo na literatura, é próprio do texto literário a abertura para as mutações, não sabendo permanecer o mesmo, já que sua existência não deve se confundir com sua materialidade. Assim se na tradição impressa tal materialidade se assenta no livro, contemporaneamente, na era digital, o texto ganha, com o meio eletrônico, uma nova materialidade, cujas potencialidades se aproximam das possibilidades do próprio texto literário. [...]

Nos livros ilustrados, assim como na literatura digital para crianças, o ato de ler literatura não depende apenas da compreensão do texto escrito, pois é preciso manejar muito mais elementos para interagir com a obra. (MORAES, 2015, p. 234 e 237)

Essa compreensão de Moraes (2015) sobre o livro digital infantil é bem oportuna, pois, a autora, parece enfatizar não tanto o “livro” em si, mas o “texto”, ou seja, a “mensagem”. Esta sim é o que mobiliza o uso ou não de determinados modos e recursos. Por exemplo, durante a criação do texto literário (do seu *design*), o(s) autor(es) deveria(m) se perguntar se tal ideia deveria ser expressa através da imagem ou da música. Consequentemente, para compreensão dessa mensagem (aqui, mais especificamente, do texto literário), o leitor deveria também ser capaz de ler todos os modos e recursos. Por essa razão, a autora busca a Multimodalidade, que tem como uma de suas questões a reivindicação por um letramento que não seja centrado no aspecto verbal, ou seja, na palavra escrita. Essa também é uma posição que defendemos nesse projeto de pesquisa sobre os livros digitais infantis. Aliás, mesmo em se tratando dos livros ilustrados tradicionais, há, muitas vezes, uma desvalorização da imagem. Em dinâmicas de leitura de livro, nem sempre as crianças são convidadas a apreciação estética da ilustração, e se o fazem, muitas vezes, é de maneira rápida em detrimento do verbal que não pode ser interrompido. Aliás, o nome do ilustrador nem sempre é mencionado, seja nessa prática de leitura ou de contação de história, negando, assim, essa coautoria do livro infantil.

Desse modo, contando com recursos proporcionados pelas novas tecnologias, o livro digital infantil caracteriza-se, principalmente, por ser capaz de explorar, da forma mais abundante, o universo digital, tornando essa experiência literária em uma experiência também multimodal – de certa forma, já o era, como explica Moraes (2015), contudo, agora, de maneira mais intensa e diferente. Em razão da riqueza que o ambiente digital proporciona, o livro infantil, à primeira vista, é o que mais tem se beneficiado dela. Isto porque, dos recursos que o livro digital oferece, nas obras de literatura infantil, aparentemente, todos são bem vindos.

Apesar de menos rica em recursos, os avanços tecnológicos cederam à *outra literatura*³ um espaço considerável no meio digital. No entanto, vale ressaltar que sua participação é, se comparada ao livro digital infantil, consideravelmente pobre em recursos, mas, ao mesmo tempo, um tanto quanto difundida.

Como referido, a literatura, nesta modalidade infantil, tem maior soltura com os recursos encontrados. Isso ocorre, pois os pilares que sustentam a literatura infantil são de fato multimodais. Nesta literatura, ainda em meio físico, é característico o uso da linguagem verbal e também a linguagem não verbal, já a outra literatura tem como principal referência à linguagem verbal (MORAES, 2015). Essas diferenças tornam-se mais notórias quando observamos a Literatura no panorama digital, uma vez que o livro digital oferece ainda mais recursos favoráveis à construção do literário. Talvez, essa seja uma das reflexões capazes de

³ Essa expressão “outra Literatura” é empregada por Lajolo e Zilberman (2017) para fazer referência à literatura destinada aos adultos. Estamos empregando, aqui, como o mesmo sentido.

nos fazer compreender o fato de que, no meio digital, a literatura infantil encontra, hoje, o seu estrelato.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2017), *A menina do Narizinho arrebitado* foi o primeiro livro digital interativo publicado no Brasil, em 2010, pela editora Globo. A partir de então, uma série de outras manifestações literárias começou a surgir no ambiente virtual. Por exemplo, as primeiras *home pages* de Literatura Brasileira. As autoras citam os sites de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski, de Leo Cunha e de Angela Lago. Em comum, essas páginas na *Internet* trazem produções que usam de recursos digitais multimidiáticos na criação do texto, seja esse narrativo, seja poético.

Ainda sobre essas *home pages*, Lajolo e Zilberman (2017) apresentam reflexões interessantes, em termos de mercado editorial. Elas argumentam que a maioria dos sites de Literatura não possui retorno financeiro, pois são livres e gratuitos, embora tenham certo custo para seus criadores. Assim, elas levantam a questão se tal distribuição gratuita poderia funcionar como uma espécie de *marketing* do produto impresso - como os poemas do site de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski que remetem a uma obra impressa dos autores. Nota-se que essa reflexão é ainda muito pertinente se pensarmos nos diversos canais no *YouTube* que produzem conteúdo de Literatura Infantil e de contação de histórias, os quais ajudam a promover obras impressas de Literatura Infantil.

Retomando as reflexões de Lajolo e Zilberman (2017), elas discorrem ainda que se o produto digital não gera lucro, esse não recebe investimento e, conseqüentemente, sua produção é diminuída. Contudo, segundo as autoras, o *e-book* poderia ser uma solução para isso, já que ele pode ser comercializado como o livro impresso, e, além disso, pode expandir as possibilidades de criação, circulação e acesso aos bens literários.

Apesar dessa solução mencionada pelas autoras, no Brasil, o livro digital (*e-book*) tem se inserido lentamente no mercado. O fenômeno dos livros digitais, no país, ainda é quase inapreciável. Dados de uma pesquisa feita pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), com editoras brasileiras em 2016, revelam que apenas 37% das editoras investigadas produzem e comercializam livros digitais no Brasil. Em números, apenas 294 das 794 editoras que participaram da pesquisa dispõem deste recurso. Segundo a referência, o subsetor de obras gerais reúne 87% de toda a produção e comercialização dos livros digitais. Este é o setor das obras de literatura, que, apesar de muito difundido em relação aos outros, em âmbito nacional, é minúsculo. O percentual de vendas no mercado, na data da pesquisa, aponta que 98,91% dos livros vendidos foram físicos, ou seja, apenas 1,09% das vendas foram de livros digitais.

Outro fato que, talvez, demonstre a dificuldade que o livro digital encontra no contexto brasileiro diz respeito ao seu reconhecimento em premiações. Apesar de, em 2015, o Prêmio Jabuti, principal premiação da Literatura Brasileira, ter criado a modalidade *Infantil Digital*, essa categoria durou apenas três anos, ou seja, na edição de 2018, já não havia mais a seleção e premiação desses livros. Assim, nos perguntamos: por que não premiar mais essa produção? Houve uma diminuição na produção do livro digital infantil no Brasil? Quais foram os livros digitais infantis publicados em 2018 até hoje?

Enfim, com base nesses dados, podemos afirmar que o livro digital ainda é pouco reconhecido no Brasil, e, de certa forma, também inacessível. De acordo com pesquisa da FIPE (2016), uma das principais queixas do leitor consumidor é o alto custo do produto. Os leitores alegam que boa parte dos livros digitais chega a custar mais do que o livro físico - informação essa que talvez possa ser questionada. No entanto, a maior parte disse que acessa os livros gratuitamente.

Outro obstáculo apontado nessa pesquisa e também pelos teóricos estudados é a falta de suporte e de infraestrutura para a leitura. Dos leitores que afirmaram ler livros digitais em pesquisa feita em 2015, 56% usam o celular como suporte, 49% o computador, 18% utilizaram

tablet ou *ipad* e apenas 4% leu em leitores digitais. A edição 2016 da pesquisa *Retratos Da Leitura Do Brasil*, feita pelo Instituto Pró-livro, ainda relata que 26% dos 5012 entrevistados, em 2015, afirmaram já ter lido um livro digital, o que seria quase o mesmo que 1 em cada 4 leitores. Das 5012 pessoas pesquisadas, 33% nunca acessaram a internet. Assim, a falta de acesso à internet também é um impedimento. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua revelou que 25,3% da população brasileira não tem acesso à internet. A porcentagem equivale a 46 milhões de brasileiros. “Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet”, afirma Mariana Tokarnia, repórter da Agência Brasil do Rio de Janeiro (TOKARNIA, 2020).

Dada a essa desigualdade social e econômica do país, é que se acredita na importância da escola e da biblioteca pública em promover espaços em que os estudantes possam ter contato com a tecnologia, em especial com a do livro digital de Literatura Infantil, já que, no âmbito familiar, muitos não têm acesso à *Internet*, e, portanto, são privadas desse tipo de interação midiática e de prática social no meio digital. Mas, infelizmente, na maior parte dos casos, a escola também acaba negando, de certa forma, esse contato das crianças com o mundo digital, seja pela falta de capacitação dos profissionais, seja pela inexistência de estruturas (laboratórios e máquinas de acesso ao meio digital).

3 Considerações finais

Como a pesquisa ainda se encontra em fase inicial, tem-se apenas algumas considerações finais. Assim, com base nessa revisão bibliográfica, pode-se perceber que esse tema de pesquisa é muito produtivo e há ainda muitas lacunas a se pesquisar, como sinalizam Matsuda e Conte (2018, p.102), em relação à recepção desses livros por parte das crianças, “aí, a necessidade de comprovação com novos estudos sobre a recepção dessas produções por parte das crianças”. Também em uma citação que essas autoras fazem da fala de Zilberman, proferida em um evento realizado em Curitiba em 2017, nota-se uma questão provocante: a desigualdade no acesso do livro digital infantil, e, conseqüentemente, o direito infringido da criança à Literatura digital.

“[...] a literatura, o ensino por meio de suportes digitais, só acentuam uma desigualdade na formação da infância brasileira. [...] Quanto mais a tecnologia avança, mais ela tem, no Brasil, aumentado as distâncias sociais, infelizmente... essas desigualdades. Pelo menos é uma percepção que eu tenho baseada numa em uma experiência empírica, não fiz pesquisa”. (ZILBERMAN, 2017 apud MATSUDA, CONTE, 2018, p. 101)

Machado e Remenche (2017, p. 174) também indicam duas lacunas. A primeira, “se os avanços tecnológicos têm possibilitado aos livros de literatura infantil em meio digital deixarem de constituir simples transposição do(s) texto(s) em papel para softwares ou para o ciberespaço”. A segunda, “se as possibilidades discursivas e de produção de sentido são realmente potencializadas por meio da leitura dos livros digitais, para além do diálogo verbo-visual já existente nos livros impressos”.

Portanto, tais estudos darão embasamento para análise que se fará, em outra etapa da metodologia, do *design* de livros aplicativos ou livros digitais, os quais trazem uma narrativa com escrita, tipografia, música, imagem, animação e outros efeitos interativos. Também corroboram com a afirmação da importância da escola na promoção desse letramento digital e o papel do professor na mediação dessa nova prática de leitura literária.

Referência

FIPE. Produção e vendas do setor editorial brasileiro. *FIPE*, 2016. Disponível em: <http://pesquisaeditoras.fipe.org.br>. Acessado dia 14 de jul. 2020.

HILBERT, Martin; LOPES, Priscila. A capacidade tecnológica do mundo para armazenar, comunicar e calcular informações. *Science*, California, ano 2011, v. 332, n. 6025, p. 60-65, 1 abr. 2011. DOI 101126. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/332/6025/60>. Acesso em: 12 jul. 2020.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. Instituto Pró-livro, [s. l.], ano 2016, ed. 4, mar. 2016.

Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/retratos-da-leitura-no-brasil-4a-edicao#:~:text=Considerado%20o%20maior%20e%20mais,do%20comportamento%20leitor%20do%20brasileiro>. Acesso em: 14 jul. 2020.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUCPress (Edição do Kindle), FTD, 2017.

MACHADO, Paulo Henrique; REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. Leitura e produção do livro de literatura infantil: do analógico ao digital. *Travessias*, Cascavel, v. 11, n. 3, p. 158-177, dez. 2017. ISSN 1982-5935. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/18073>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MATSUDA, Alice Atsuko; CONTE, Jaqueline. O livro digital infantil: análise do livro-aplicativo Pequenos Grandes Contos de Verdade. *TEXTURA - ULBRA*, v. 20, p. 83-105, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/3583/2780>. Acesso em: 04 jul. 2020.

MORAES, Giselly. Do livro ilustrado ao aplicativo: reflexões sobre multimodalidade na literatura para crianças. *Estudos de literatura brasileira contemporânea, Estudos de literatura brasileira contemporânea*, ano 2015, v. 46, p. 231-253, 1 jul. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/elbcPDFResultados da WebDo livro ilustrado ao aplicativo: reflexões sobre multimodalidade na literatura para crianças>. Acesso em: 16 jun. 2020.

PRODUÇÃO E VENDAS DO SETOR EDITORIAL BRASILEIRO. Câmara brasileira do livro, [S. l.], ano 2017. Disponível em: <http://cbl.org.br/site/wp-content/uploads/2017/08/Apresentacao-Censo-do-Livro-Digital.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

TOKARNIA, Mariana. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet. *Agência Brasil Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet%3famp>. Acesso em: 17 jul. 2020.